

## À procura das não evidências, vivências

*“O que importa para mim, querida Sofia, é que você não esteja entre aqueles que consideram o mundo uma evidência”*

*(O mundo de Sofia)*

*“Ocorreu-me de repente que não é preciso ter ordem para viver.*

*Não há padrão a seguir e nem há o próprio padrão: nasço.*

*(Água Viva)*

Recentemente comecei a ler um livro que peguei emprestado com uma amiga há pelo menos cinco meses. O fato é que desde a adolescência queria ler *O mundo de Sofia*, mas só agora estou lendo. E talvez não houvesse momento melhor. O romance juvenil aborda questões filosóficas que durante toda história da humanidade instigaram (e instigam) este

maravilhoso e complexo

pequeno universo

que é o ser humano

e tem sido pra mim um resgate de uma percepção de mundo

que escapa ao marasmo da vida adulta,

das linearidades e

das evidências.

É com esse pensamento que desejo falar da ação *Bem me quer, mal me quer* de Luana Aguiar.

*Bem me quer, mal me quer* a princípio é uma performance em que a artista depila inteiramente uma de suas sobrancelhas.

Com uma pinça e um pequeno espelho de mão Luana arranca delicadamente um por um os pelos que aos poucos dão lugar à uma [ausência] com que não sabemos lidar. A contradição de

leveza e dor também nos [afeta], não sabemos se apreciamos a bela mulher que se olha no espelho desenhando sua sobrancelha ou se fechamos os olhos sentindo a dor daquele ato que ultrapassa o feminino.

.  
{A questão é que não sabemos o que fazer com aquilo que [não] nos é uma necessidade evidente.

A partir do momento em que somos colocados diante de uma situação limítrofe<sup>1</sup> que nos obriga a encarar a deformação de um padrão visual ou comportamental ao qual estamos condicionados (a simetria das sobrancelhas), essa situação não diz respeito apenas a um limite do corpo, mas um limite cultural, um limite que é fruto dos condicionamentos sociais a que estamos submetidos em nossas relações.

*Bem me quer, mal me quer* não fala apenas do feminino, seu ponto chave são os padrões da sociedade.

A ausência daquela sobrancelha  
é uma quebra da simetria,  
uma quebra do ritmo ao qual estamos condicionados.

*Bem me quer, mal me quer* não é apenas uma performance, pois não se encerra quando termina a ação.

Ela continua...

Reverbera na própria artista e em quem quer que a encontre.

Ela cresce viva, como as sobrancelhas que já não são mais assimétricas.

E continua, poeticamente,  
resgatando aquilo que nos esquecemos:

a percepção de mundo que escapa das evidências.

---

<sup>1</sup> Situações Limítrofes é como a artista intitula a série de performances que vêm produzindo desde 2008 com a abordagem dos limites do corpo.

Se no embate com a arte nos conscientizamos disso, é no embate com a própria vida que nos damos conta de como é difícil e prazeroso ser esse pequeno e maravilhoso universo que somos.

Carolline Tinôco

Rio de Janeiro, agosto de 2010